



**SEM CHEGAR PERTO E DE DENTRO DE CASA: NOTAS SOBRE
ANTROPOLOGIAS, ETNOGRAFIAS E SEUS FAZERES EM TEMPOS DE
ISOLAMENTO SOCIAL**

*Without coming close and from inside our homes: notes on anthropology,
ethnography and its crafts in times of social isolation.*

Ana Letícia de Fiori
Professora Adjunta do Colegiado de Ciências Sociais, Universidade Federal do Acre.
Email: morgotia@gmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 1, n. 10, p. 390-398, jan./jun. 2020

ISSN 2447-9837

RESUMO:

Neste breve artigo, comento como, a despeito das mudanças paradigmáticas na concepção do trabalho de campo antropológico, o contexto de isolamento social na pandemia de covid-19 suscita questionamentos ao desenvolvimento do fazer antropológico, transformando planos, espaços e temporalidades de pesquisa, bem como trazendo desafios institucionais e pessoais às(aos) pesquisadoras(es). Indico que as demandas dos próprios sujeitos com quem fazemos pesquisa têm sido fonte de ação para antropólogas(os) nesse contexto, assim como os muitos fóruns de debate estabelecidos ou atraídos para a questão da pandemia, oferecendo olhares situados desde os campos prévios de pesquisa. Por fim, menciono sugestões para a etnografia durante o isolamento oferecidas por Daniel Miller e apresento a iniciativa que desenvolvo com alunas do curso de Ciências Sociais da UFAC, além da possibilidade de uma produção dialógica com atores sociais que permanecem engajados nos nossos campos e/ou no enfrentamento da pandemia, com quem é possível estabelecer colaborações profícuas.

PALAVRAS-CHAVE:

Etnografia. Isolamento social.
Pandemia. Ensino de Antropologia.

ABSTRACT:

In this brief article I comment how, despite paradigmatic changes in the concept of anthropological fieldwork, the context of social isolation during the covid-19 pandemic rises questions on the conduction of anthropological craft, changing plans, spaces and temporalities of the research, as well as bringing institutional and personal challenges to the researchers. I sign that the demands of the persons with which we carry on our researchers have been a source of action to anthropologists in such context, as well as the several debate forums stablished or attracted to the pandemic issue, offering situated gazes from previous research fields. Lastly, I mention suggestions to ethnography during the isolation offered by Daniel Miller and present the initiative I am carrying on with my Social Sciences students from UFAC, besides the possibility of a dialogical work with social actors that are still inside our fields and/or engaged on facing the pandemic, with whom is possible to stablish rich collaborations.

KEYWORDS:

Ethnography. Social Isolation.
Pandemic. Anthropology teaching.



Há décadas, o fazer antropológico parecia ter rompido com a estética modernista de trabalho de campo – consagrada pela introdução metodológica de Malinowski em *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922) e ainda texto de leitura obrigatória nos cursos iniciais de antropologia para a graduação – de permanecer junto aos interlocutores de nossas pesquisas, viver com eles, segui-los e realizar aquilo a que se costuma denominar “observação participante”. Ainda nos anos 1980, já se consagrara o termo de antropologia multissituada, cunhado por George Marcus (1986) referindo-se a práticas que se tornaram comuns, e certos recortes e delimitações espaciais e temporais claros foram em muitos casos dando lugar a pesquisas que construíam seus objetos e questões a partir de outras composições¹. A partir da virada do milênio, a presença de pesquisas que envolviam em alguma dimensão a internet e interações em ambientes virtuais tornaram-se ubíquas, gerando uma vasta produção reflexiva nas ciências sociais sobre seus procedimentos.

Todavia, a situação de isolamento social diante da pandemia de covid-19 coloca em questão expectativas sobre o que é e o que ainda podem ser as pesquisas de campo e os problemas de pesquisa que norteiam as nossas investigações, além das condições objetivas de nossa produção científica. Vive-se o choque de diferentes expectativas de presente e futuro, sobretudo no que tange à retomada das atividades das universidades, em ensino e pesquisa. As instituições de ensino superior optam por suspender o calendário de atividades acadêmicas, criando dúvidas sobre se e como aulas serão repostas, ou seguir² e adaptar-se a diferentes formas de aulas virtuais e ensino à distância³. Entretanto, prazos de depósito e defesa continuam a correr nos programas de pós-graduação e agências de fomento, e a máxima de que “pós-graduando não pode ficar doente” parece abranger uma pandemia planetária, exigindo que as pesquisas sejam ajustadas entre os imperativos do cronograma insti-

¹ Como as diferentes propostas de análises em rede de Ulf Hannerz (1980) e Bruno Latour (1987).

² Seja a partir da expectativa otimista de que “quando as coisas se normalizarem” os atrasos foram minimizados ou da expectativa fatalista de que “nada será como antes”, de modo que é melhor que toda a comunidade acadêmica comece a se ajustar a dinâmicas virtualizadas e à distância.

³ Diante da virtualização do ensino, há franco prejuízo para quem não tem acesso a equipamentos e conexão de qualidade para o desenvolvimento das atividades, bem como de quem não apreendeu as habilidades e conhecimentos necessários dessas ferramentas. Enxerga-se aí a reprodução de desigualdade socioeconômicas e de acesso a bens simbólicos e capital cultural.



tucional e das projeções e curvas de contágio e mortalidade que informam previsões de endurecimento ou afrouxamento das restrições de movimentação⁴.

Por outro lado, a orientação da Organização Mundial de Saúde e epidemiologistas é que nos mantenhamos em distanciamento social, em isolamento e, em breve, em quarentena. Não podemos nos aproximar fisicamente de nossas(os) interlocutoras(es) sem colocar – a elas(es) e a nós – em risco, e seu cotidiano é tão ou mais afetado do que o nosso, de modo que suas atividades que tencionávamos acompanhar muito provavelmente também sofrerão profundas transformações durante a pandemia. Elas(es), como nós, tentam formular modos de vida durante a pandemia, com demandas que podem ser dramáticas.

Nesse sentido, nos termos da antropologia implicada (ALBERT, 1995) que muitos(as) de nós realizamos, muitas atividades foram canalizadas para a tomada de providências necessárias para a segurança de nossos interlocutores, sobretudo quando se trata de populações vulneráveis. Assim, organizam-se com envolvimento de antropólogas(os) forças-tarefa na produção de informativos⁵ sobre os cuidados e prevenções ao contágio por covid-19 nas línguas, formas expressivas e mídias acessadas por estas populações⁶; modos de arrecadação de alimentos, produtos de higiene e recursos para quem teve seu modo de subsistência comprometido; alertas ao poder público e outras instituições sobre medidas a serem tomadas⁷. Atividades desenvolvidas de modo remoto, mas que, muitas vezes, têm efeitos diretos nas localidades onde nossa “observação participante” se desenvolveria. Engajam-nos com nossos interlocutores, com os quais muitas vezes temos contato cotidiano mesmo sem estarmos ativamente em nossas atividades de pesquisa, aquilo a que Karina Biondi chama de

⁴ Tudo isso, cabe mencionar, enquanto o governo de Bolsonaro e seus ministérios lançam franco ataque às ciências humanas e humanidades, cortando seu financiamento, excluindo-as dos editais de bolsas do CNPq e fazendo declarações detratórias, além de ofensivas massivas às populações com as quais muitos(as) de nós desenvolvemos nossas pesquisas.

⁵ Tenho conhecimento de cartilhas, *flyers* ilustrados, imagens e vídeos para compartilhamento por Facebook, Whatsapp e Instagram, áudios para serem transmitidos por rádio em localidades distantes, às vezes em formato bilíngue/multilíngue.

⁶ Indígenas, quilombolas, ribeirinhos, população de rua, população carcerária, imigrantes, pessoas com deficiência, LGBTQIA+, certas categorias profissionais, movimentos sociais, portadores(as) de doenças ou condições fisiopsíquicas que exijam atenção especial, entre outros.

⁷ Barreiras e cordões sanitários em terras indígenas, atenção ao aumento dos casos de violência doméstica e de gênero etc.



“vida em campo” (2018), em suas pesquisas sobre o PCC.

Estes contatos e as agências mobilizadas por diferentes fluxos que dispensam a copresença em um mesmo espaço físico colocam em questão a acuidade da expressão “isolamento social”, quando ela transborda de seu uso sanitário para as dimensões de socialidade que a antropologia propõe descrever e analisar. Pois não é de isolamento que muitas(os) de nós estamos tratando. E é diante dessa constatação que se lançaram diversas iniciativas, no Brasil e alhures, para pensar a “antropologia em tempos de quarentena” e suas implicações conceituais, metodológicas, etnográficas e éticas. Além da profusão de chamadas para artigos, depoimentos, relatos e materiais audiovisuais para os periódicos do campo antropológico, surgem outras formas de debate para o público acadêmico ou geral (se é que esta é uma distinção válida para o momento), como transmissões ao vivo nas redes sociais que abundam e agregam um público de espectadoras(es) muitas vezes bem superior aos eventos presenciais sediados nas instituições de ensino e pesquisa, e que ampliam o leque de perspectivas sobre a pandemia *a partir* dos campos de pesquisa que já vinham se desenvolvendo, tornando-se, em certo sentido, sua continuidade.

Há alguns dias, o professor Daniel Miller, do University College of London, publicou um vídeo oferecendo sugestões de “como conduzir uma etnografia durante o isolamento”. Ao longo do vídeo, Miller chama a atenção para as continuidades possíveis do fazer etnográfico por contato remoto e interações em ambientes virtuais, trazendo exemplos de como as interações assim realizadas, mediadas por tecnologia e fisicamente distantes, podem até mesmo ampliar a proximidade entre pesquisadora e pesquisada e desvelar novas facetas da vida social. Outras sugestões de Miller dizem respeito a acompanhar mobilizações de ONGs ou outros atores que podem estar engajados nos contextos de pesquisa originalmente visados. Algumas chamadas de periódicos, por sua vez, têm proposto exercícios autoetnográficos, nos quais a ideia de antropologia em casa⁸, para emprestar o nome da coletânea editada por Anthony

⁸ Este comentário é, em parte, uma brincadeira. A expressão “antropologia em casa” consolida-se com a proposta que Marcus e Fischer (1986) fazem, ao distender a antropologia interpretativa de Clifford Geertz (1973), de transformar a antropologia em algo como uma “crítica cultural”, na qual a “casa” é os Estados Unidos. Uma década depois, James Clifford (1997) analisaria as práticas espaciais da antropologia, que marcam a distinção entre “casa”, nossa base, e um lugar exterior a ser descoberto e explorado, um trabalho de campo que é entendido como alhures. Peirano (1998) chama a atenção



Jackson (1987), é literalmente *em casa* e, muitas vezes, uma antropologia *da casa*⁹, campo que também tem fortalecido seus contornos na antropologia.

Isto pode apontar alguns caminhos que conjuguem ensino e pesquisa. Envie à turmas de primeiro (para as quais eu estava ministrando Teoria Antropológica I), terceiro e quinto período do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Acre um convite para realizarem um “diário de campo” de suas próprias casas, descrevendo as continuidades e rupturas do cotidiano das pessoas com quem moram. As dez alunas que atenderam ao chamado realizam reuniões comigo via vídeo-chamada e aos poucos colocam suas produções na pasta que criamos na nuvem. Como são estudantes em diferentes estágios do curso e situações socioeconômicas, ou seja, acionando a internet e fazendo registros de modo desigual, sugeri que escrevessem, fotogravassem, gravassem. Algumas optaram por fazer registros diários, outras estão comentando temas. Em conjunto desenvolvemos um roteiro de observação, inicialmente compreendido por algumas delas como um questionário a ser preenchido, posto que ainda estão se familiarizando com as modalidades de escrita etnográfica. Reunindo estes relatos, será possível compor um mosaico parcial dos impactos da pandemia em Rio Branco, identificar algumas lógicas locais e seus enredamentos em um fenômeno global. Continuamos, assim, “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), em uma antropologia urbana que, para além da casa, vê a cidade pelas frestas das janelas, idas esquivas à rua para alguma atividade necessária e pelo olhar de quem presta serviços essenciais e não deixou de sair.

Esta é uma proposta modesta diante das possíveis análises antropológicas da pandemia. Para minhas alunas, trata-se de “observar o familiar” (VELHO, 1981) em

para o fato de que é preciso considerar os diferentes contextos de produção para as antropologias que se dizem “feitas em casa”, sobretudo o modo como alteridades e proximidades são concebidas e o debate com os pares é estabelecido. Strathern (1987), em artigo publicado na coletânea de Jackson que analisa “os limites da autoantropologia”, defende que a autoantropologia diz respeito não apenas ao local de procedência do antropólogo e seu campo, mas as premissas sobre a vida social que lá vigoram, e o quanto os procedimentos e conceitos da antropologia também estão em casa no contexto pesquisado.

⁹ Desenvolver este tema exigirá outro artigo. Por ora, cabe indicar a discussão de Hugh-Jones e Carsten, que afirmam que nem a casa nem seus habitantes podem ser considerados entidades estáticas, e sim entrelaçadas em relações e práticas cotidianas. Para os autores, “continente e conteúdo se relacionam como partes de um contínuo processo de viver” (CARSTEN; HUGH-JONES, 1995, p. 46. Tradução minha)



um registro de “nós radical” algo distinto daquele mencionado por Peirano (1998) pois, enquanto é preciso criar algum tipo de distanciamento de seus cotidianos domésticos levando em conta o estranhamento suscitado pela pandemia, há que se familiarizar com a escrita etnográfica e conceitos da antropologia mobilizados para esta análise. Ser aprendiz de antropóloga – mudar-se para esta nova casa e nela se organizar¹⁰ – na pandemia é um grande desafio. Entretanto, todas nós manifestamos o quanto esta comunicação e trabalho em grupo ajudam a lidar com as dificuldades trazidas pela pandemia. Afinal, não apenas para nós, mas para muitas(os) pesquisadoras(es) as tensões e frustrações com as rupturas em seus planos de pesquisa e trabalho abundam, somando-se aos fatores de sofrimento psíquico na academia, cuja documentação tem crescido nos últimos anos, e a sentimentos que a pandemia desperta (medo, luto, frustração, raiva, desânimo etc.), que conformam uma sensação de isolamento diferente do “isolamento social”, mas que pode ser bastante acachapante.

Se a convivência física não está sendo possível, e se certos contextos interessantes ou urgentes de pesquisa são inacessíveis de modo “presencial”, podemos contatar, entrevistar, propor roteiros de observação e relatos para os “nativos”¹¹, com quem é possível simetrizar saberes e produzir perspectivas polifônicas sobre a pandemia. Além, é claro, de reunir documentos e todas estas outras atividades que também, afinal, compõem as nossas etnografias. Seria interessante sobretudo que isto fosse feito com os chamados prestadores de serviços essenciais, estes que não estão em casa, em isolamento social, e cujos cotidianos envolvem novos modos de vida e dimensões de risco. Muitas(os) de nossas(os) colegas têm escrito argumentan-

¹⁰ Para mim, há o desafio de me familiarizar com Rio Branco e a UFAC, onde me efetivei em julho de 2019.

¹¹ Vale a pena recordar que desde os primórdios da antropologia realizada com pesquisa de campo, já nos tempos de Lewis Henry Morgan, treinavam-se assistentes entre as populações pesquisadas e/ou eram consultados “informantes” bastante qualificados. Ver, por exemplo, Kuper, (2008 [1988]). Morgan e seus contemporâneos, evidentemente, não colocariam seus assistentes no mesmo patamar por eles ocupado. Mesmo George Hunt, que Franz Boas faz questão de citar ao longo de seus trabalhos, não teria tais horizontes. Por outro lado, Peirano (1998, p. 106) recorda que Malinowski, Radcliffe-Brown e Evans-Pritchard orientaram trabalhos de antropólogos cujas origens eram os campos de pesquisa: “Desde o começo, antropólogos que tinham suas origens em antigos locais antropológicos eram escusados da busca pela alteridade, desde que seu treinamento tivesse sido realizado com mentores adequados”. (Tradução minha).



do e demonstrando a importância das ciências humanas e sociais em momentos de crise como esta pandemia, qualificando modos locais de recepção e compartilhamento de informações, práticas de cuidado e higiene, noções de corpo e saúde, relações de reciprocidade e modos de auto-organização, vulnerabilidades e potências, algo que no fundo todas(os) nós antropólogas(os) sabemos e podemos praticar.



REFERÊNCIAS

- ALBERT, Bruce. 1995. Anthropologie appliquée ou « anthropologie impliquée»? Ethnographie, minorités et développement. In: BARÉ, Jean-François (Org.). **Les applications de l'anthropologie**. Un essai de réflexion collective depuis la France. Paris: Karthala, 2009.
- BIONDI, Karina. **Proibido roubar na quebrada: território, hierarquia e lei no PCC**. São Paulo: Terceiro Nome, 2018.
- CARSTEN, Janet e HUGH-JONES, Stephen (eds.). **About the House: Lévi-Strauss and Beyond**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. 300 p.
- CLIFFORD J. **Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century**. Cambridge, MA: Harvard Univ. Press, 1997. 408p.
- CLIFFORD J; MARCUS G. E. (eds.). **Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography**. Berkeley: Univ. Calif. Press, 1986. 306p.
- HANNERZ, Ulf. **Exploring the City**. Inquiries toward an Urban Anthropology. New York and Guildford, Surrey: Columbia University Press, 1980. 378p.
- KUPER, Adam. (1988). **A reinvenção da sociedade primitiva: transformações de um mito**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008. 338p.
- LATOUR, Bruno. **Science in action: how to follow scientists and engineers through society**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1987. 288p.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Rev. bras. Ci. Soc.** [online]. 2002, v.17, n.49, pp.11-29. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>.
- MARCUS G. E.; FISCHER M. M. J. **Anthropology as Cultural Critique: An Experimental Moment in the Human Sciences**. Chicago: Univ. Chicago Press, 1986. 205p.
- MILLER, Daniel. **Como conduzir uma etnografia durante o isolamento**. Vídeo. 20min-13seg. Publicado online na plataforma Youtube no canal do LISA em 20 maio 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WC24b3nzp98>. Acesso em: 23 maio 2020.
- PEIRANO, Mariza G. S. When Anthropology is at Home: The Different Contexts of a Single Discipline. **Annual Review of Anthropology**, v. 27, 1998, p. 105-128.
- STRATHERN, Marilyn. The limits of auto-anthropology. JACKSON, Anthony (ed.). **Anthropology at Home**. New York, London, Tavistock Publication, 1987. 221p.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 149p.

Recebido em: 24/05/2020.

Aceito para publicação em: 20/07/2020.

